

Brizola recusou todas as propostas

A reunião entre os partidos de esquerda no hotel Naoim foi tensa. Além de Lula, Brizola e Miguel Arraes estavam todos os líderes dos partidos de oposição na Câmara, o governador Cristovam Buarque, o presidente do PT, José Dirceu e os representantes do PCdoB: Renato Rabelo, da executiva do partido, e o líder na Câmara, Haroldo Lima (BA).

Se o PT iniciou a crise no domingo, decidindo lançar candidato próprio no Rio de Janeiro, ontem foi a vez do PDT dar um desfecho no impasse. Depois de cinco horas de reunião que começou às 14h e terminou às 19h, a constatação dos políticos presentes ao encontro era de que a aliança que vinha sendo organizada durante dois anos havia chegado ao fim.

O ex-governador Leonel Brizola foi taxativo na reunião e disse que agora não tem mais o que conver-

sar, mas, ao final do encontro, evitou declarações públicas e diretas sobre o fim da aliança. Disse apenas que considerava razoável o prazo de 72 horas para que o PT resolvesse seus problemas internos — um período impossível para uma definição, em se tratando do PT e suas diversas instâncias deliberativas.

De todas as propostas apresentadas na reunião, o líder do PDT não concordou com nenhuma. “Não vou deixar meus companheiros à margem. O PT me fez muito mal no Rio de Janeiro”, disse Brizola na reunião depois que o governador Cristovam Buarque (PT) propôs que a frente indicasse os candidatos aos governos em todos os estados, e que no Rio o candidato da frente seria Anthony Garotinho (PDT).

Essa mesma proposta acabou gerando uma reação do próprio Lula. “Não sou homem de subir em dois palanques. Não tenho duas caras”, disse o candidato do PT, repetindo uma frase que havia usado numa entrevista assim que chegou a Brasília, no início da tar-

de. Lula foi além. “eticamente não tenho condições de ser candidato sem ser pela frente”, comentou Lula, admitindo para os presentes retirar a sua candidatura.

TEMPO

O que levou o PDT a decidir pelo fim da aliança foi a absoluta falta de tempo para viabilizar candidaturas e organizar o quadro de coligações nos estados. “Até 8 de maio é muito tempo. Há candidaturas que não se sustentam 30 dias diante de indefinições. Quem criou o problema não foram vocês, nem nós. Foi um grupelho do PT que, infelizmente, não temos como resolver. Em um mês, poderia acabar a nossa candidatura. Não teríamos chances de disputar”, argumentou Brizola para justificar sua decisão.

Para Brizola, a candidatura, paralisada nesse período, morreria antes mesmo de ser lançada oficialmente. O problema é que, além do Diretório Nacional, o PT ainda propunha um Encontro Nacional do partido que só poderia acontecer no final de maio. E, mesmo assim, ninguém garantia que o Encontro Nacional do PT seria favorável à coligação com Garotinho no Rio.

Outro problema levantado na reunião foi a incapacidade de Lula em segurar o PT. “Se ele não consegue controlar seu próprio partido, como irá administrar o país?”, citavam alguns dos participantes da reunião, ao mencionar que um líder nacional tem que ter autoridade.

A pergunta que o PT terá que resolver nos próximos dias é se Lula continua candidato sem a coligação ou sairá numa chapa sem o PDT. O eterno candidato do PT à Presidência da República, pelo menos desta vez, não quer concorrer sem uma ampla aliança de centro-esquerda. (DR e GC)